

EMMANUEL LEVINAS E MAURICE BLANCHOT: A AMIZADE (NOS) PERMITE SOBREVIVER

Magali Mendes de Menezes
Universidade Federal do Rio Grande do Sul

RESUMO: O texto fala da amizade como inspiração filosófica, mas também como inspiração da vida. Os filósofos e filósofas são “amigos da sabedoria”, mas não necessariamente sábios. Contudo, ao nos aproximarmos do pensamento de Emmanuel Lévinas e Maurice Blanchot, percebemos o exercício profundo do pensamento, feito de cumplicidade intelectual. A amizade entre Lévinas e Blanchot é o fio condutor da escrita. Durante muito tempo foram distantes politicamente. Blanchot apoiou o nazismo enquanto Lévinas escrevia e vivia sobre as consequências do nazismo. Diante de uma admiração filosófica que ambos passam a nutrir, Blanchot muda suas posições. Percebe um tempo de morte, tema que atravessa seus escritos. Entre proximidades e distanciamentos acompanhamos suas conversas infinitas que trazem a filosofia e a literatura como matéria-prima para os inúmeros diálogos tecidos. Suas obras erguem questões e respostas aos estes diálogos. A linguagem torna-se não somente o meio pelo qual se constitui e se faz a defesa do pensamento, mas é ética, filosofia primeira, único caminho possível para existirmos enquanto comunidade.

Palavras-chaves: Lévinas, Blanchot, Amizade, Linguagem, Ética.

ABSTRACT: The text speaks of friendship as philosophical inspiration, but also as life inspiration. Philosophers and philosophers are "friends of wisdom," but not necessarily wise men and women. However, when it is possible to make the thought of Emmanuel Lévinas and Maurice Blanchot come near to each other, we realize the deep exercise of thought, made of intellectual complicity. The friendship between Lévinas and Blanchot is the main thread of this writing exercise. For a long time they were politically distant. Blanchot supported Nazism while Lévinas wrote and lived on the consequences of it. Faced with a philosophical admiration that they both began to nurture, Blanchot changed his positions. He perceived a time of death, a theme that traverse his writings. Between closeness and distance we follow their endless conversations that bring philosophy and literature as raw material for countless dialogues. Their works raise questions and answers to those dialogues. Language becomes not only the means by which thought is constituted and defended, but it is ethics, a source philosophy, the only possible way for us to exist as a community.

Keywords: Lévinas, Blanchot, Friendship, Language, Ethic.

L'écriture sur l'écriture serait la poésie même.

E. Lévinas

Quando fui convidada para escrever sobre E. Lévinas, em um primeiro momento hesitei. Isto exigiria revisitar este pensador que está em alguma parte de mim, quase silenciado. Sim, pensamentos, por vezes se escondem em nós. Colocam-se entre a pele e os ossos de um corpo cansado. Mas quando, inesperadamente, somos tocados pelo mundo, de forma carinhosa ou violenta, os poros se abrem e deixam escapar as palavras, o som, e somos capazes de escutar a respiração daqueles que falam em nós.

O pensamento não é algo estagnado que assimilamos, reproduzimos, acomodando-o em livros, mas é um exercício constante de um pensar atravessado pela vida, mesmo quando esta parece escassa, vazia. Em tempos distópicos, de profunda miséria, em que sentimos a falta de ar, presente no simbolismo concreto daqueles que não tiveram direito a respiradores; de Antígonas contemporâneas que viram seus familiares morrerem sem poder enterrá-los; de crianças yanomamis sugadas pelo maquinário do garimpo – diante de tantas imagens atuais, que cruzam nosso olhar, como o que vemos pode torna-se palavra? Como não correr o risco do mutismo pacificado, que perde suas forças? Afinal, o que é possível dizer e por que dizer? É neste instante que Blanchot nos dirá, “Ver é talvez se esquecer de falar e falar é puxar do fundo da palavra o esquecimento que é inesgotável”¹. A palavra é, por isso, desvio. Esquecimento e palavra! Falamos para não esquecer, contudo esquecemos, está é a mania do homem branco, que escreve porque tem memória curta, nas palavras de David Kopenawa, em sua obra *A Queda do Céu*.²

O pensamento de Lévinas e de Blanchot, dois amigos que testemunharam um tempo, chega a mim em meio a estas imagens descritas e tantas outras de dolorosa descrição. O pensamento volta a ressoar, exigência para sentir/pensar

¹ BLANCHOT, 2001, p.68.

² Cf. KOPENAWA e ALBERT. 2015.

nosso tempo como um novo “holocausto”. Holocausto do povo negro, indígena, de gente amontoada em caminhões de lixo, procurando vestígios do que possa ser comida. É dessa forma que o pensamento de Emmanuel Lévinas nos propõe (exige) a procurar vestígios do que é humano em meio a tanta des-umanidade. Vemos, mas como puxar do fundo deste tempo à palavra? Palavra que tenha *sentido*, que fale de dor, mas de afeto, pois o que é, tem *sentido*, fala antes de tudo ao coração!

É preciso então recuperar a palavra ancestral, aquela que ressoa em nós e que a escutamos feito coração que bate, como som que vem de dentro. Kaka Werá, tupy-guarani, conta que,

[...] nosso povo enxerga o ser como um tom de uma grande música cósmica, regida por um grande espírito criador, que seu povo chamou de Nhamandu-ru-etê que significa ‘o som que se expande. É a partir daí que começa a relação tupy-guarani com a palavra’.³

Uma mesma palavra – nheeng - significa alma e fala. Para este povo, portanto, palavra é alma e som. Falar é colocar a alma em pé. Os povos indígenas nos ensinam sobre este difícil movimento. Para mim encontra-se aí o sentido mais profundo desta escrita, da fala dirigida ao Outro, reunir alma e palavra e que isso nos inspire a re-existir, de forma coletiva, a este tempo em que a palavra perde cotidianamente sua alma. Para isso, quero trazer o pensamento de dois amigos – Lévinas e Blanchot - que viveram intensamente a palavra filosófica, em que seus livros tornam-se diálogo, pois a filosofia que pretende partir (chegar) ao coração, não pode ser um discurso solitário. Recupero alguns momentos de cruzamento e distanciamento para buscar compreender como cada um deles toca o mundo.

Uma amizade: experiência de vida e morte

³ KAKÁ WERA, 2017, p.37.

Quero falar então da amizade, aquela que nos permite sobreviver e que, ao mesmo tempo, nos coloca na condição de sobreviventes de um tempo. Quando mais de 650 mil pessoas já morrem e que poderiam estar aqui se não fosse o descaso do Estado brasileiro, configurado em um projeto de morte para a maior parte de seu povo – a palavra-denúncia torna-se exigência ética. Somos sim testemunhas deste tempo. Diante desse cenário, pretendo recuperar o sentido mais profundo da amizade que se encarna em gestos, em atitudes, em palavras: a amizade entre Maurice Blanchot e Emmanuel Lévinas. Ambos que viveram tempos de morte e fizeram de suas escritas palavras perturbadoras. Nas palavras de Blanchot,

Não se deve renunciar a filosofia. Pelo livro de E. Lévinas [*Totalidade e Infinito*], onde me parece que ela nunca falou de forma tão grave, em nosso tempo, contestando – corretamente – nossas maneiras de pensar e até nossa fácil reverência a ontologia, somos chamados a tornar-nos responsáveis por aquilo que ela [a filosofia] essencialmente é, acolhendo com o brilho e a exigência infinita, que lhe são próprias, precisamente, a ideia do Outro, ou seja, a relação com o Outrem. É como um novo ponto de partida para a Filosofia, um salto que ela e nós mesmos somos convocados a dar.⁴

Começo da relação, dos entrecruzamentos e encruzilhadas da escrita, das inspirações vindas da literatura e da filosofia, de um contexto histórico-político, presente no pensamento desses dois pensadores de forma diversa, mas sempre com o peso trágico que a história da humanidade carrega.

Lévinas e Blanchot se encontram em Strasbourg em 1923 para estudar Filosofia. Lévinas neste período de convivência com Blanchot assim o define:

[...] uma extrema inteligência [...], distante politicamente de mim, nesta época estava muito a direita [...]. Fez-me conhecer Proust e Valéry [...] e tinha interesse pela fenomenologia. Foi para mim como a expressão da excelência francesa: não devido a suas ideias, mas devido a certa possibilidade de dizer as coisas, difícil de imitar

⁴ BLANCHOT, 2001. p.98.

e que aparece com uma força muito alta. Sim, é sempre em termos de altura que falo dele.⁵

É difícil descrever uma amizade, em que por vezes, o outro está tão presente no pensamento-vida que não há necessidade de citá-lo. Por outra, está tão distante, que somente a amizade, na distância mesma, nos permite continuar existindo, pois a amizade é esta presença/ausência, daqueles que não precisam estar sempre juntos. “Conhecimento do desconhecido” este é título de um texto que Blanchot dedica a seu amigo. Blanchot expressa o que significou o encontro com Lévinas, “[...] o encontro com Lévinas [...] foi um encontro feliz que iluminou uma vida no que ela tem de mais sombria”.⁶

A amizade aparece assim, como uma interlocução, em muitos momentos, silenciosa através de seus escritos. O primeiro romance de Blanchot traz o mesmo nome de um dos irmãos de Lévinas, *Aminadab*. Lévinas, por sua vez, escreve em 1975, uma obra intitulada *Sur Maurice Blanchot*. Mas como compreender esta amizade intelectual? Lévinas reconhece em Blanchot um jovem antissemita, que colaborava com vários periódicos de extrema-direita, como o *Journal des Débats* e *L'Insurgé*. Ao mesmo tempo, acompanha nele o que chama de “evolução interior”, de um intelectual que vai transformando radicalmente suas posições políticas, a ponto de se tornar um personagem importante junto aos estudantes durante os movimentos de Maio de 68 na França, além de manifestar-se publicamente contra a Guerra da Argélia. Será a amizade filosófica que fará Blanchot mudar suas posições políticas? Compreendo o diálogo como disposição profunda para uma abertura ao outro, foi isso que possibilitou que estes dois grandes pensadores se encontrassem, na epifania mesma do que significa encontrar(se).

São muitos momentos que marcam fortemente a vida desses amigos filósofos. O que muitos consideram uma obra autobiográfica de Blanchot, *O instante de minha morte*, conta a história de um jovem que se vê diante da morte.

Recordo-me de um jovem - de um homem ainda jovem impedido de morrer pela própria morte - talvez por erro da injustiça [...]. O tenente tartamudeou e, coloca diante do nariz do homem já menos

⁵ LEVINAS *apud* LESCOURRET, 1994, p.68.

⁶ Id. *Ibid.*

jovem (envelhece-se depressa) os cartuchos, as balas, a granada, gritou com clareza: 'eis o que o espera'.[...] No seu lugar, não tentarei analisar este sentimento de leveza. De repente, ele era talvez invencível. Morto - imortal. Talvez o êxtase. Ou antes, o sentimento de compaixão pela humanidade sofredora, a felicidade de não ser imortal, nem eterno.⁷

Blanchot descreve em terceira pessoa, o que significou ser sobrevivente de um tempo. É impossível sobreviver em meio a tantos corpos dilacerados e não morrer um pouco, ou melhor, perceber que morrer é uma tarefa sem fim. Lévinas também é sobrevivente, pois durante a ocupação na França pelos alemães, foi mantido prisioneiro de guerra em um campo de trabalho forçado. Quase toda sua família que permaneceu na Lituânia, foi presa e assassinada pelos nazistas. No entanto, sua esposa, Raissa e sua filha, Simone conseguem escapar da morte, com a ajuda de Maurice Blanchot. Duas experiências que falam de vida e morte, temáticas encarnadas nas obras desses filósofos.

Descrevo então alguns caminhos filosóficos percorridos por Blanchot e Lévinas, tendo agora a linguagem como fio condutor, pois será através dela que o (des)encontro assume radicalidade de sentido. Para um, a linguagem aparece como dizer, grávida do Outro; para outro, a linguagem é literatura, morte de si.

A palavra impossível e a exigência da palavra

A experiência da morte anunciada na obra de Blanchot marca a vida daquele que somente conseguiria falar da morte como alguém que testemunhou sua experiência mesma de morte. Como referi anteriormente, a obra *O instante de minha morte* de Blanchot não apenas fala dessa experiência de um sobrevivente prestes a ser executado, mas de como a escrita está marcada necessariamente pela experiência indelével da morte. O instante é o tempo que nos empurra para algo

⁷ BLANCHOT, 2003, p. 9-12.

que está fora, na exterioridade, o instante é a abertura de uma linha infinita, uma saída.

Para Blanchot a morte aparece como experiência mesma da escrita, pois a obra é sempre a tradução da ausência daquele que a escreve, o que chama de solidão essencial. Assim, aquele que escreve a obra é por ela dispensado.

A linguagem na obra de Blanchot não é nem expressão nem constituição de sentido ou de presença; não surge como desvelamento de uma realidade, mas como movimento de desvio. No decurso do que ele denomina “espaço literário” Blanchot intenta refletir sobre a dispersão da palavra que se ergue a partir de uma escritura fragmentada, em que o pensamento torna-se então itinerante. A palavra errante é também a palavra plural, não ressalta a multiplicidade de significações, mas a pluralidade sem unidade, sempre interrompida pelo tempo da questão, presente na própria palavra. É nessa perspectiva que a palavra é desvio, porque quando a questão surge, ela não busca a resposta, mas a permanência do estranho (*étrangeté*), do desconhecido que nos conduz a novas buscas. A questão é, portanto, “desejo do pensamento”. No entanto, a palavra também fala e em seu desvio, a palavra se dirige a alguém. Blanchot nos faz pensar em uma relação com o Outro que não se confirma na afirmação do sujeito nem em uma percepção ou respeitosa atenção ao Outro, pois a experiência da alteridade é sempre a experiência da estrangeiridade. A escritura é adiamento, se instaura no tempo e não anseia pela presença do sentido que passa a ser familiar, mas pelo estrangeiro, o que é sempre Outro. A palavra “alterizada”, indizível de Blanchot nos remete a experiência de estranhamento, incomodo para aquele que busca fazer da escrita o lugar da quietude. O fora é o pensamento do impensável.

Ao analisarmos a questão do Dizer na obra de Emmanuel Lévinas percebemos aproximações e distanciamentos entre esses dois pensadores.

Lévinas comenta que o discurso divulga e profana o indizível, abusando da linguagem, captando no Dito o indizível que o filósofo de alguma forma tenta

reduzir.⁸ Nos perguntamos então sobre a possibilidade de escrever sobre o Dizer (inspiração do Dito). O texto e sua inspiração movimentam desse modo, as palavras – palavras que se constroem na ambiguidade, pois a palavra é, ao mesmo tempo, o que extrapola o texto, vindo sempre de fora, ofendendo a margem; mas também a possibilidade de preenchimento do espaço, interioridade da escrita que toma conta do sentido, risco do fechamento. Por isso escrever é sempre um risco (belo risco), mas risco necessário àquele que faz de seu texto uma resposta, palavra comprometida não apenas com a fala, mas com a escuta, pois sabe que não tem a última palavra. O texto se faz na descontinuidade, se construindo na interrupção da própria palavra; as entrelinhas tornaram-se frestas, aberturas que permitem a respiração da palavra, para que o Outro possa assim, invadi-la. Não como um ocupante, posseiro buscando um lugar fixo ou seguro para se instalar, mas o texto passa a ser permeado pelo estrangeiro, contagiando a palavra, que no encontro com o estranho, aprende e reaprende a falar.

A palavra caminha assim, no fio tênue, transparente e quase invisível do sentido originário que a inspira e que perpassa o texto levinasiano. A escritura aparece no silêncio do autor e no murmúrio do que dele se aproxima. A palavra nos conduz ao indecível da fala (utilizando uma expressão de Derrida), à abertura escancarada do texto, para que possa assim, Dizer. O Dizer passa a ressoar nas paredes das palavras que surgem como ditos, mas ditos que se traem. Aí se encontra, novamente, toda ambigüidade do Dizer, pois ao atravessar o dito, inspira a fala, mas também a transcende, causando um lapso no tempo, tornando toda fala diacrônica. Desse modo, o sentido não é apenas o que perpassa como também o que passa, ou seja, o que se faz passado. A temporalidade torna-se então, fundamental para compreendermos a linguagem. O “que passa” como diferimento mostra um tempo que só pode ser compreendido enquanto diacrônico. O “que passa” é o que pertence a outro tempo, como uma passividade radical, daquele que sempre se julgou autor do mundo.

⁸ LÉVINAS, 1974, p.52.

O movimento que vai de *Totalité et Infini* à *Autrement qu'être au-delà de l'essence*, duas obras fundamentais para compreender Lévinas, mostra o caminho da separação absoluta entre Eu e o Outro, até a Subjetividade, em que o Outro passa a compor o tecido mesmo desta Subjetividade e, por sua vez, o tecido do próprio texto. É na diferença que o Dizer se expressa; diferença que não nos permite ficarmos indiferentes. O dizer não se apresenta aqui como um movimento verbal ou uma modalidade do conhecimento, mas é passividade extrema de exposição ao Outro. Podemos dizer que o Outro é “anterior” a mim, é ele que me chama a existência. O sentido do Dizer está no fato de expor uma subjetividade ferida, desde sua origem pelo outro. Agora o estrangeiro não é mais o Outro, mas a estrangeiridade está presente na subjetividade, fazendo com que o sujeito deixe de ser contemporâneo de si mesmo.

A Subjetividade, dessa forma, carrega todo enigma do Dizer, pois ao acolher a palavra do Outro, faz da voz do Outro sua própria voz. O entrecruzamento dessas duas dimensões – do rosto do outro como palavra e da subjetividade como dizer – dá a linguagem um sentido ético. A palavra enquanto significação transcende o plano da manifestação, provoca no sujeito um movimento de transcendência, remetendo ao “passado” da Subjetividade, que neste momento do encontro com o Outro se transforma em resposta. A palavra é, ao mesmo tempo, “recebida e ofertada”⁹, diz Feron. A palavra do Outro provoca uma fissura no presente, pois ao carregar em si um vestígio desse passado, mostra que, de alguma forma, dele fez parte. O Dizer é, portanto, o acolhimento incondicional da palavra do Outro, antes mesmo de sua escuta.

A palavra torna-se escuta ensurdecadora do Dizer; e além de toda sonoridade, há um silêncio que ressoa, significação originária de toda fala. O texto é oferta da palavra, em que o dito se faz lugar (sempre passageiro) de renascimento, de compromisso com toda fala silenciada pela violência. E este é o sentido mais profunda da Filosofia, pois toda escrita é inspirada pelo Outro, é já resposta, é já

⁹ FERON, Etienne. 1992, p.60

justiça. Contudo, a linguagem sofre um estiramento, deve se desdizer constantemente (esta é sua justiça), apresentando e des-apresentando o que escapa a todo sentido.

Toda linguagem, desse modo, fala na e a partir da ausência, isto não quer dizer uma ausência de linguagem, mas uma linguagem da ausência. Lévinas, ao evitar a linguagem ontológica põe em questão a força do ser (*conatus essendi*), para pensar, desse modo, uma linguagem que surja como passagem, uma linguagem metafórica (e por que não dizer, poética). A própria palavra também é passagem, em seu nomadismo transforma o texto em um lugar invadido pelo tempo.

A linguagem e a solidão

A amizade de Lévinas com Blanchot é tão profunda que dedica a seu amigo uma obra, intitulada *Sur Maurice Blanchot*. Lévinas comenta que o pensamento de Blanchot pode ser interpretado de duas maneiras: por um lado pode significar o anúncio de uma perda de sentido, uma dissolução de todo e qualquer discurso, experiência extrema do niilismo. Estaríamos nesse momento prometidos ao inumano, ao assustador do neutro. Por outro lado, em um tempo onde a fragmentariedade assume o sentido do caos, Blanchot nos propõe pensarmos outra experiência de tempo em que o fragmento passa a ser a possibilidade mesma da experiência. O tempo rompe com a continuidade e, o mergulho no tempo, será sempre um mergulho na noite. Lévinas diz que Blanchot pergunta se existiria uma linguagem capaz de escapar à violência da palavra (sempre disposta a demonstrar seu poder de tudo dizer!), não tendo mais como referência o poder. Para tanto, o autor nos fala da necessidade de outro exercício da palavra, em que a medida não advenha mais do Mesmo (daquele que sempre volta a si), mas do Outro. Devemos nos aproximar do pensamento do estranho, do estrangeiro, “pensamento do impossível”, ou seja, onde não se possa mais poder.

Diante de um mundo que perdeu o sentido da palavra, a obra de Blanchot mostra personagens que realizam um esforço extremo em falar. Para o autor, a palavra poética liberta a linguagem de sua servidão em relação às estruturas que de alguma forma mantêm o dito aprisionado. “A fala poética deixa de ser fala de uma pessoa: nela, ninguém fala e o que fala não é ninguém, mas parece que somente a fala ‘se fala’”¹⁰. A linguagem poética abandona a sua potencialidade de ser instrumento para dizer algo ou fornecer a voz a alguém, passando a ser a mudez do mundo. O silêncio não é oposto à palavra, mas a sua condição, será nesse silêncio atordoante da linguagem que o tempo tece a escrita. Através de uma escrita narrativa, em que um *flâneur* vagueia pelo tempo, fazendo de seus personagens mais que ficções, Blanchot transforma os personagens no próprio tempo, como se o tempo assumisse a voz.

Na escritura de Blanchot a palavra se faz encontro, um encontro que se dá na radicalidade da separação. Nesse instante podemos encontrar vestígios do pensamento de Lévinas. A solidão é extrema e não há nenhuma familiaridade possível entre o Eu e o Outro. O tempo da escrita fragmentária surge como uma experiência estética necessária, pois de alguma forma carrega o sentido do político, uma escrita de denúncia ao poder de toda e qualquer Totalidade. Blanchot lembra que a totalidade não é total – que o discurso coerente da continuidade do *logos* não é capaz de recuperar este discurso, perturbado por um ruído ininterrupto, desconstruindo desse modo a própria ordem dialética em que o ser e o não-ser se apresentam. O Neutro que fala Blanchot não é alguém nem alguma coisa, mas o esvaziamento, onde o sujeito na escrita se perde. O Neutro é a passagem do “eu” ao “ele sem rosto”, na escrita o autor desaparece. O Neutro é o encontro com o silêncio, convite dado a todo aquele que busca a escrita.

No fragmento, na ruptura da linearidade, do contínuo, a palavra passa a ser anônima, sem rosto, sem história (pois se não há mais presente não há também

¹⁰ BLANCHOT, 1987, p.35.

recordação, passado), é a palavra de todos, para todos, o que Blanchot chamará “comunidade inconfessável”.

Em sua obra *La communauté inavouable* (1983) Blanchot inicia comentando um depoimento feito por Edgar Morin em que revela a experiência do comunismo como sendo a principal experiência de sua vida. No comunismo a igualdade surge como fundamento primeiro de toda e qualquer comunidade, onde não há igualdade, não há comunidade. Mas Blanchot problematiza esta ideia de comunidade a partir de uma dessimetria irreduzível posta desde o Outro. Será nesta dessimetria que é possível pensar o espaço social. A comunidade, ao contrário de Lévinas, não é o espaço de resgate necessário de toda medida instaurada na presença do terceiro, mas é a perpetuação da desmedida sempre instaurada pelo Outro (s). Para pensar esse espaço desmedido da comunidade, Blanchot faz referência a Georges Bataille, principalmente a sua obra *Coupable*, não uma obra que traz a experiência da guerra, mas escrita a partir de seu horizonte. Mas diante de tanta barbárie por que ainda é possível falarmos em comunidade?

Bataille comenta que “na base de cada ser existe um princípio de insuficiência”.¹¹ Isso não significa que buscamos o Outro porque queremos preencher uma incompletude, mas o encontro mesmo com o Outro nos possibilita termos consciência desta incompletude. Não estamos diante da insuficiência de algo ou de alguém; a insuficiência não visa a suficiência (sempre perceptível a partir de um referencial), mas busca seu excesso mesmo. O Outro, único capaz de me colocar em jogo, em causa, me faz mergulhar profundamente neste excesso.

De que forma então o Outro me provoca? Quando diante da morte do Outro percebo o esvaziamento do presente (enquanto a suficiência seria a confirmação deste presente). Bataille continua: “Tomar a morte do Outro como a única morte que me concerne, é isso que me coloca fora de mim mesmo e é a única separação que pode me abrir, em sua impossibilidade, a abertura de uma comunidade”.¹²

¹¹ BATAILLE *apud* BLANCHOT, 1983, p.15.

¹² BATAILLE *apud* BLANCHOT, 1983, p.21.

É dessa forma que a comunidade se instaurará, quando vamos em direção ao Outro para partilharmos sua solidão absoluta, contudo a comunidade é, ao mesmo tempo, a impossibilidade, pois o instante esfacela-se na morte, comunhão impossível.

Para Blanchot esta exterioridade, nos empurra para além das margens e recebe vários nomes: morte, relação com o Outro ou ainda, palavra. A palavra na sua pronuncia já se perde, não tendo nenhuma certeza de ser acolhida, a palavra é sempre um risco. Na comunidade vivemos a experiência de sua impossibilidade marcada pelo excesso do instante, do outro, da pronúncia.

A impossibilidade não traduz a ausência de experiência comunitária, ao contrário, o impossível expressa o abuso da comunicação que só se dá na abertura radical ao fora, ao Outro, movimento de extrema dessimetria e incomensurabilidade.

Considerações finais

Para concluir sempre na insatisfação de qualquer conclusão, busquei trazer nesta reflexão um pouco do pensamento de dois amigos-filósofos, Blanchot e Lévinas, que no diálogo aproximam sentimentos sobre um tempo que por vezes nos faz calar e outras vezes, gritar. A escrita não teve a intenção de comparar dois pensamentos que se cruzam, mas também assumem caminhos próprios. Desde a Filosofia e a Literatura, encarnada em seus escritos, a palavra assume o difícil compromisso de dizer o que é indizível.

O Outro, presença que transborda sua própria apresentação, surge como exterioridade absoluta. A relação constituída desde o encontro com o Outro institui também uma separação, abrindo frestas no conceito, pois toda tentativa de definição, de dizer o que o Outro é, torna-se impossível. Impossibilidade de encontrar no pensamento um lugar para àquele que é exterioridade, pois do contrário este deixaria de ser Rosto. Nesse sentido, a própria filosofia se

transforma, rompe com o trabalho insistente de tudo definir, trazer para si (mesmo) em seu esforço de totalização.

Lévinas e Blanchot nos mostram um pensamento u-tópico, ainda sem lugar. As guerras continuam a fazer parte de nosso tempo, a tortura, a fome, o profundo desprezo ao humano e ao não humano nos mostra o quanto é urgente a reflexão feita por estes pensadores. A razão Ocidental se constituiu a partir de uma lógica perversa que anula tudo que escapa a ordem imposta. O pensamento se amedronta com a “noite”, com o movimentar-se da linguagem, expressão verdadeira daquele que faz de sua palavra uma pele habitada pelo Outro.

Não pretendi esgotar o que significou a relação destes pensadores, porque sei que ainda há muito a se dizer. Mas minha intenção foi trazer alguns fios desta escrita tecida ao longo da vida de grandes amigos. Pois como nos diz Derrida,

A amizade não é nunca uma coisa dada no presente, ela faz parte da experiência da espera, da promessa ou do compromisso. Seu discurso é da oração, ela inaugura, não constata nada como o que é, se coloca no lugar onde uma responsabilidade se abre ao futuro.¹³

É preciso então pensar, mas antes de tudo lutar por este amanhã!!

REFERÊNCIAS

BLANCHOT, Maurice. *A conversa Infinita: a palavra Plural*. São Paulo: Escuta, 2001.

_____. *O espaço literário*. Rio de Janeiro: Rocco, 1987.

_____. *La communauté inavouable*. Paris: Editions de Minuit, 1983.

_____. *O instante da minha morte*. Porto: Campo das Letras, 2003.

¹³ DERRIDA *apud* ORTEGA, 2000, p.6.

COLLIN, Françoise. *Maurice Blanchot et la question de l'écriture*. Paris: Gallimard, 1971.

FERON, Ettiienne. *De l'idée de transcendance à la question du langage: itinéraire philosophique de Lévinas*. Grenoble: Colection Krisis, 1992.

LESCOURRET, Marie-Anne. *Emmanuel Lévinas*. Paris: Flammarion, 1994.

LEVINAS, Emmanuel. *Sur Maurice Blanchot*. Paris: Fata Morgana, 1975.

_____. *Autrement qu'être au-delà de l'essence*, Paris: Biblio Essais, Livre de Poche, 1974.

KAKÁ WERÁ. Rio de Janeiro: Azougue, Coleção Tembetá, 2017.

KOPENAWA, Albert, BRUCE, Davi. *A queda do céu: Palavras de um xamã yanomami*. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

ORTEGA, F. *Para uma política da amizade, Arendt, Derrida, Foucault*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2000.